



Suplementos literários ou cadernos de cultura? Um panorama histórico do Jornalismo Cultural¹

Larissa Bortoluzzi RIGO²

Antonio HOHLFELDT³

Resumo:

Partindo do entendimento de Jornalismo Cultural (LIMA, 2013; FARO, 2006), a reflexão se dá sobre as configurações desse campo, por meio de suplemento e caderno de cultura, para traçar um panorama histórico e social. Utiliza-se como metodologia a análise sócio-histórica, com pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2005; FONSECA, 2008). Ressaltam-se exemplos como *O Estado de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*, pioneiros desse tipo de publicação, juntamente com veículos mais regionais, “Suplemento Literário Minas Gerais” (SMLG) e “Caderno de Sábado” (CS). Já os contemporâneos *Rascunho* e *Peixe Elétrico* ilustram as alterações à escola industrial e se adaptam às novas tecnologias. A análise evidenciou que mesmo com as mudanças de suporte e modernização, os suplementos/cadernos de cultura sofreram modificações para além daquelas de ordem tecnológica.

Palavras-chave: Jornalismo Cultural; suplementos; cadernos de cultura; Literatura; Jornalismo.

Literary supplements or culture notebooks? A historical overview of Cultural Journalism

Abstract:

Drawing from the understanding of Cultural Journalism (LIMA, 2013; FARO, 2006), the reflection takes place on the configurations of this field, through supplement and culture notebook, to trace a historical and social panorama. Utilizes as methodology the socio-historical analysis, with bibliographic research (STUMPF, 2005; FONSECA, 2008). Emphasizes examples such as *O Estado de S. Paulo* and *Jornal do Brasil*, pioneers of this type of publication, together with more regional vehicles, “Suplemento Literário Minas Gerais” (SMLG) and “Caderno de Sábado” (CS). The contemporaries *Rascunho* e *Peixe Elétrico* illustrate the changes to the industrial school and the adaptation to new technologies. The analysis showed that, even with the changes in support and modernization, the supplements/culture notebooks underwent modifications beyond those of a technological order.

Keywords: Cultural Journalism; supplements; culture notebooks; Literature; Journalism.

¹ Trabalho resultante de tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

² Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Professora do IECOS, Frederico Westphalen-RS, Brasil. *E-mail:* lary_rigo@yahoo.com.br

³ Doutor em Letras pela PUCRS. Professor titular do PPGCOM da FAMECOS da PUCRS, Porto Alegre-RS, Brasil. *E-mail:* a_hohlfeldt@yahoo.com.br



¿Suplementos literarios o cuadernos de cultura? Una mirada histórica al Periodismo Cultural

Resumen:

Partiendo de la comprensión del Periodismo Cultural (LIMA, 2013; FARO, 2006), se produce la reflexión sobre las configuraciones de este campo, a través de suplemento y caderno de cultura, para dibujar un panorama histórico y social. Se utiliza como metodología el análisis sociohistórico, a través de la investigación bibliográfica (STUMPF, 2005; FONSECA, 2008). Los ejemplos incluyen *O Estado de S. Paulo* y *Jornal do Brasil*, pioneros de este tipo de publicación, junto con más vehículos regionales, “Suplemento Literário Minas Gerais” (SMLG) y “Caderno de Sábado” (CS). Los contemporáneos *Rascunho* y *Peixe Elétrico* ilustran los cambios de la escuela industrial y la adaptación a las nuevas tecnologías. El análisis mostró que incluso con los cambios de soporte y modernización, los suplementos/cuadernos de cultura sufrieron modificaciones más allá de las de carácter tecnológico.

Palabras clave: Periodismo Cultural; suplementos; cuadernos de cultura; Literatura; Periodismo.

Um salto ao século XIX: do *feuilleton* aos cadernos de cultura

Ao longo do século XIX, é possível observar gerações de escritores e artistas que reivindicam uma posição autônoma para as obras de arte em relação às práticas de mercado. Essas discussões, alicerçadas em uma crise de identidade dos artistas sociais, ao questionarem seus *lugares de mundo* e *lugares de fala*, acabam também refletindo sobre as formas de representação da arte. O excerto extraído da obra *A conquista da América: a questão do outro*, de Tzvetan Todorov (1988), caracteriza algumas das discussões entre os binômios *eu* e *outro*, sustentando os conceitos de *identidade* e *alteridade*: “Pode-se descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro” (TODOROV, 1988, p. 3).

As reflexões em torno do *eu* e do *outro*, identidade e alteridade, juntamente com as mudanças culturais que transformaram a visualização das representações da arte e manifestações culturais, influenciaram diretamente o campo literário e, dessa forma, auxiliam-nos a compreendê-lo de forma mais ampla, já que partimos do entendimento de que a Literatura e o Jornalismo podem ser considerados híbridos quando se manifestam por meio dos espaços do Jornalismo Cultural.

A “intercomunicabilidade” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996, p. 87) entre os dois campos – Jornalismo e Literatura – é evidenciada por meio do contexto histórico-social. A crítica literária e a presença de escritores representam aproximações iniciais entre os dois campos, caracterizados, ainda, pela publicação de gêneros híbridos, como o folhetim e a crônica.



O *feuilleton*, cuja procedência é francesa, ocuparia o espaço do *rez-de-chaussée*⁴ do jornal (SOARES, 2014), separado do restante dos conteúdos por uma linha horizontal. Foi lançado em 28 de janeiro de 1800, pelo *Journal des Débats et Loix du Pouvoir Législatif, et des Actes du Gouvernement*, sob o título “Feuilleton du Journal des Débats”. Com publicações variadas, desde a política até a Literatura, moda, jogos de adivinhação e a promoção de espetáculos teatrais, correspondia a um suplemento autônomo, por privilegiar assuntos diferenciados.

Nesse contexto do século XIX, o *feuilleton* espalhou-se pelos periódicos da França e da Inglaterra, movimento de divulgação que não ocorreu nos Estados Unidos. Nesse país, a influência dos escritores ocorreu por meio de editores e cronistas que publicaram contos e novelas em revistas especializadas, constituindo a chamada *pulp fiction* ou *penny press*. Especificamente, as primeiras criações de Jornalismo Cultural são datadas, conforme Lima (2013) e Piza (2004), de 1709 e 1711, com a divulgação, respectivamente, dos veículos ingleses *The Tatler* e *The Spectator*. Com esses jornais, criou-se um espaço para a crítica pluralizante, consumida essencialmente pela burguesia. A representação de textos de Jornalismo Cultural na revista *The Tatler* contempla diversos temas: ensaios sobre livros, óperas, festivais de música, teatro, ideias sobre costumes da época e política. Os textos constituíam-se num tom por vezes satírico, mas que também imprimia densidade às temáticas da época. Já *The Spectator* é associada, primeiro, ao surgimento dos grandes centros urbanos, mas também se inclui nesse movimento de provocação de discussões e reflexões em torno da circulação de obras artísticas e filosóficas, por meio de ensaios e resenhas.

Junto com os primeiros passos do Jornalismo Cultural, e já com a consolidação de temáticas mais reflexivas, reconhecemos a importância dos críticos nesse processo de pensar sobre a realidade social. Para mencionarmos apenas alguns dos nomes que iniciaram esse percurso, os ensaístas Richard Steele e Joseph Addison estiveram à frente do projeto do *The Spectator*; em outra situação, o escritor, poeta, crítico literário e prosador satírico irlandês Jonathan Swift (autor de *As viagens de Gulliver*) e, ainda, o britânico Daniel Defoe, dedicaram-se ao publicismo. Desse modo, observamos que o Jornalismo Cultural iniciou com a presença de críticos literários, mas, ao longo dos séculos, ocupou também seus espaços com os rodapés, folhetins, crônicas e páginas literárias, para se consolidar, já no século XX, com os cadernos de cultura.

⁴ Espaço definido como rés-do-chão ou rodapé (HOHLFELDT, 2003).





O formato de um novo Jornalismo Cultural ocorre na virada do século XX. Até então, os jornais eram compostos por articulistas políticos com debates em torno de artes e livros, mas traziam pouco noticiário. Posterior a esse período, escritores da imprensa passam a dar maior atenção aos relatos dos fatos e para à construção das notícias. Do mesmo modo, o Jornalismo Cultural segue essa tendência, com matérias que envolvem, além da crítica de arte, entrevistas e reportagens.

Basso (2008, p. 69) atenta para as generalizações em torno do Jornalismo Cultural: “[...] muito embora seja comum, não se deve relacionar ao Jornalismo Cultural apenas as temáticas tradicionalmente conhecidas como as sete artes e nem só a cultura erudita”. Se fosse assim, destaca a autora, o Jornalismo Cultural deveria ser entendido como produção de arte e, desse modo, ser denominado como Jornalismo de artes.

No entanto, a visão do campo tem sido modificada ao longo dos anos, ajustando-se a uma reflexão mais integradora: “Além das belas letras, [o Jornalismo Cultural se constitui] dos modos de vida, dos sistemas de valores, as tradições e as crenças” (BASSO, 2008, p. 69). Assim, continua Basso (2008, p. 69), “[...] tende a superar o prisma da dicotomia entre os campos da produção simbólica, de elite, popular e de massa, evidenciando a difusão (papel do jornalista cultural) e a análise crítica das culturas (papel do crítico de cultura)”.

A relação mais integradora do conceito compreende o que Faro (2006) considera como *tendência interpretadora*, ou seja, o Jornalismo Cultural evidenciado em espaços como os suplementos ou cadernos de cultura, o que, segundo Lima (2013), constitui-se em instrumento de veiculação de ideias com maior profundidade e densidade argumentativa.

A inserção do Jornalismo Cultural nos suplementos e cadernos de cultura torna possível pensar sobre a influência que esses espaços produzem na relevância e constituição do gosto do consumo social e, sobretudo, as interpretações sobre o pensamento de cada época.

Com esse panorama sobre o Jornalismo Cultural, propomo-nos a refletir sobre as configurações em torno desse campo, por meio dos suplementos literários e cadernos de cultura, para traçar um panorama que compreende os campos histórico e social. Para tanto, utilizamos, como percurso metodológico, a análise sócio-histórica⁵ (FREITAS, 2012), por meio de pesquisa bibliográfica, que, segundo Stumpf (2005), refere-se a um conjunto de ações que identificam, selecionam e utilizam documentos de interesse do pesquisador para compor

⁵ A investigação exploratória, de caráter histórico-crítico-bibliográfica, evidencia uma análise qualitativa do *corpus* proposto para a reflexão. Freitas (2012, p. 28) entende que os estudos qualitativos, numa perspectiva histórico-crítica, “devem focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto”. Assim, por meio dessa investigação, buscamos documentar as relações alusivas ao contexto histórico e social que moldam as configurações dos cadernos.





seu trabalho. Além disso, Fonseca (2008, p. 32) propõe que a pesquisa bibliográfica se dá a partir do levantamento de referências teóricas, objetivando “recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta”. O *corpus* escolhido para representar esse panorama do Jornalismo Cultural e responder a questão que está no título deste trabalho são dois suplementos da década de 1960, “Suplemento Literário Minas Gerais” e “Caderno de Sábado”, e dois veículos contemporâneos, *Rascunho* (Curitiba-PR) e *Peixe Elétrico* (São Paulo-SP). Entendemos que, dessa forma, é possível visualizar como se configuravam esses espaços, no início das produções, e como estão delimitadas atualmente.

Um panorama histórico dos espaços de Jornalismo Cultural

Como o Jornalismo Cultural possui, em sua essência, relação com as obras de arte e com a Literatura e, ainda, com a conotação de identidade cultural, Nestrovski (2000) lembra que a expressão carrega as duas indicações, ou seja, Jornalismo e Cultura.

Ademais, se o Jornalismo Cultural se situa entre o imediato e o permanente, buscando uma identidade, é possível confirmar a concepção de que os movimentos literários influenciaram diretamente o seu entendimento. A Semana de Arte Moderna consolidou os formatos de escrita e a função social do escritor e do artista (BOLLOS, 2006). A partir daquele contexto, entendido por Candido (1980) como um marco na Literatura, ocorreram transformações que, posteriormente, solidificaram-se na criação dos suplementos literários.

Como exemplo desse entendimento, que possui conotações literárias e sociais, sendo considerado o precursor dos suplementos literários brasileiros, podemos citar o “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo*, uma projeção de Antonio Candido, idealizado em 1956.

O cunho artístico, as proposições de análise e a reflexão em torno do social são influências dos movimentos literários que se consolidaram no Brasil. Além disso, os colaboradores das publicações registradas durante o período do Modernismo também são os idealizadores de manifestações do Jornalismo Cultural, tal como explica Lorenzotti (2007, p. 14-15, grifo nosso):

Os modernos da Semana de 22 criaram a revista *Klaxon*, que durou oito números, a partir de maio de 1922. A revista *Nova*, de Paulo Prado e Antônio de Alcântara Machado (1931), teve quatro números. Houve, ainda, a *Arcádia*, dos estudantes de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo (1936) e a *Revista do Arquivo Municipal* (1935), do Departamento de São Paulo. A revista *Clima* (maio de 1941 a novembro de 1943), lançada por um grupo de universitários, no início, segundo Paulo Duarte, fazia lembrar a



velha *Revista do Brasil*. [...] Essa publicação, que ficou na história da produção intelectual do país e levou seus jovens articulistas a, imediatamente, obterem grande reconhecimento profissional. Praticamente os mesmos colaboradores, nas mesmas áreas de atuação, participaram do futuro Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*.

Com suas publicações voltadas à Literatura, e não à vida literária, a publicidade deveria ser restrita. O projeto de Candido previa somente a venda de espaços para livros, objetos de arte, exposições. Para melhor entender as duas fases do “Suplemento Literário”, Lorenzotti (2007) expõe as datas e algumas de suas capas (Figura 1).

Figura 1 - Apresentação de duas fases do “Suplemento Literário” – a primeira, na década de 1950, e a segunda, já na década de 1970



Fonte: Lorenzotti (2007, p. 12).

A partir das imagens, é possível perceber as duas fases pelas quais o periódico passou. As mudanças de nomenclatura, de Suplemento Literário para Suplemento Cultural e depois Caderno, ilustram as configurações sócio-históricas que se interligam ao Jornalismo⁶ e fazem referência ao título desta reflexão.

É justamente a proposição do título deste artigo, pois entendemos que o Jornalismo Cultural pode ser subdividido em duas grandes áreas: a literária (que engloba os folhetins e crônicas) e os suplementos. Dentro desse último, há, ainda, uma outra divisão, que se relaciona aos suplementos literários, abrangendo os gêneros da crítica e da resenha. Sua

⁶ As diferentes denominações do “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo* ilustram as fases que acompanharam os suplementos criados pelos veículos do país, todas elas oriundas das demarcações sócio-históricas que influenciaram o Jornalismo. Por isso, quando quisermos nos referir aos *suplementos* em geral, ora iremos denominá-los *caderno*, *caderno de cultura* ou, ainda, *suplemento*, a fim de evitar repetições.



evolução vai levá-lo para as páginas dos jornais, até se consolidar nos suplementos propriamente ditos (década de 1950). Acompanhando esse percurso, por volta de 1970, no Brasil, surge a *cadernização*, quando alguns veículos substituem o vocábulo *seção* por *caderno*. A mudança de nomenclatura sugere uma nova ideia de ampliação do papel dos cadernos. Os suplementos se tornam conteúdos extras, com densidade temática, relacionados sobretudo à Literatura; já os cadernos comportam materiais especiais, que envolvem determinados assuntos.

Retornando ao contexto de produção do “Suplemento Literário”, é importante delimitar sua relação com as mudanças sociais do Brasil. Lorenzotti (2007) atenta para um importante fato alusivo a nossa formação cultural: em 1956, também ocorreu o lançamento do livro de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. Assim, o início das publicações de “Suplemento Literário” é marcado por essas relações oriundas do contexto social e histórico e de um movimento que vai tomando forma, no país, com publicações de novas obras literárias.

A configuração social e histórica no SLMG, “Caderno de Sábado”, *Rascunho e Peixe Elétrico*

Na década de 1950, os equipamentos mais complexos e a introdução do *lead* – primeiro parágrafo da notícia que deve responder às cinco perguntas: *quê, quem, quando, onde, como e por quê* – são incorporados às redações. “As transformações na imprensa acompanharam as mudanças no País” (LORENZOTTI, 2007, p. 39). A autora cita como precursores dessas transformações o jornal *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*, ambos em 1949, que utilizam as novas técnicas e práticas de produção editoriais, no Rio de Janeiro. O jornal *O Estado de S. Paulo* transformou completamente suas rotinas na década de 1960: ocorrem modificações, desde o controle da produção e horários de fechamento da publicidade, até a contratação de alunos graduandos dos cursos de jornalismo para a redação, significativa novidade, já que, até então, não necessariamente pessoas com formação no ensino superior trabalhavam nos periódicos.

Outra reforma de evidência, no Jornalismo daquele período, foi a do *Jornal do Brasil*. O periódico, que teve seu primeiro exemplar circulando no dia 09 de abril de 1891, preocupou-se desde o início com as inserções literárias. No mesmo ano de criação, em 1956, de o “Suplemento Literário”, de *O Estado de S. Paulo*, surgiu também o “Suplemento Dominical”, do *Jornal do Brasil*. A criação deste deu início à renovação do periódico, que





representa para a história do Jornalismo brasileiro um grande marco. Depois de ter atuado no *Los Angeles Time*, Alberto Dines trabalhou por mais dez anos no *Jornal do Brasil*, consolidando o projeto de renovação.

A influência do Jornalismo estadunidense – introdução dos ideais de objetividade e neutralidade e as técnicas redacionais do *lead* e da *pirâmide invertida* – contribuiu para a concretização das transformações no *Jornal do Brasil* e, posteriormente, nas redações de outros periódicos. Desse modo, ocorreram alterações gráfico-editoriais, isto é, de *layout* e conteúdo em todo o jornal. O artista plástico Amílcar de Castro foi responsável pelas mudanças, que serviram para conduzir os leitores a uma experiência mais agradável de leitura.

Além do impacto visual, o “Suplemento Dominical” do *Jornal do Brasil* também traduz um pensamento avançado, no sentido de produzir alterações na forma de concepção cultural do país. O “Suplemento” foi o antecessor do “Caderno B”, lançado em 1960 e que ofereceu aos leitores a cobertura de eventos culturais e textos de escritores como Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Carlinhos de Oliveira e Clarice Lispector.

No cenário dos suplementos, devemos lembrar também o “Suplemento Literário Minas Gerais” (SLMG) e o “Caderno de Sábado”, do jornal *Correio do Povo*, que foram idealizados no contexto da década de 1960. O SLMG começou suas publicações em 1966, idealizado pelo escritor e jornalista Murilo Rubião. Inicialmente era encartado no jornal oficial do estado, *Minas Gerais*, e possuía periodicidade semanal. Depois, o “Suplemento” ficou sob a coordenação da Secretaria do Estado da Cultura e adquiriu autonomia. Em 1993, as edições foram interrompidas, retornando em 1994, independente do *Minas Gerais*, ainda vinculado à Secretaria do Estado da Cultura, com inserções mensais.

A história do SLMG confunde-se com o contexto sócio-histórico do estado de Minas Gerais e de Murilo Rubião. O escritor morou em Madri, na Espanha, durante praticamente todo o governo de Juscelino Kubitschek, no período de 1950. Rubião atuou por cerca de quatro anos como chefe de escritório comercial do Brasil na Espanha, tornando-se defensor do presidente. Ao retornar para o país, depois da administração de Kubitschek, voltou ao seu cargo de funcionário estadual e, para não trabalhar com outros políticos contrários a Juscelino, optou por atuar na Imprensa Oficial. Assim, ficou lotado na redação do jornal *Minas Gerais*, publicando leis, decretos e atos administrativos (WERNECK, 2012).

Em 1965, o então governador do estado de Minas Gerais, Israel Pinheiro, mudou os rumos editoriais do jornal *Minas Gerais*, como explica Werneck (2012, p. 102): “[...] queria



que amenizasse a prosa burocrática com algum noticiário, colunas e um pouco de Literatura. Afinal, argumentava o governador, o *Minas Gerais* era o único jornal que chegava a cerca de 200 Municípios do Norte do Estado”. Assim, a tarefa para a reforma do periódico foi entregue ao sobrinho do governador Israel Pinheiro, Bernardo Nelson de Senna, que era diretor da Imprensa Oficial. Senna pensou que, para fazer as alterações, poderia criar uma página voltada para Literatura, e, por isso, levou a ideia para os escritores da redação do *Minas Gerais*: Murilo Rubião, Bueno de Riveira e Aires da Mata (WERNECK, 2012). Foi assim que Rubião sugeriu, no lugar de uma página voltada para literatura, a idealização de um suplemento literário.

O primeiro número do SLMG circulou encartado aos sábados, no Diário Oficial do Estado de Minas Gerais, com lançamento no dia 03 de setembro de 1966 e tiragem de 27 mil exemplares. O destaque do periódico, desde então, centra-se, sobretudo, na abrangência de temas em profundidade que aludem à crítica de arte, cinema e literatura, veiculando poemas e contos e abordando outras temáticas que remetem ao social.

Figura 2 - Primeira edição do SLMG



Fonte: Nunes (2012, p. 03).



Seguindo os passos históricos do “Suplemento”, no segundo ano de publicação, foi dedicada uma edição dupla a jovens escritores e artistas mineiros, no início de 1968. Esse movimento revelou a existência, não de um grupo literário, mas sim, de uma federação de grupos, que ficou conhecida como *Geração Suplemento*. Esses novos escritores, que almejavam se tornar conhecidos e divulgar seus trabalhos, encontraram, nas redações do jornal, espaços para divulgar suas obras.

Em 1994, o “Suplemento” foi transferido da Imprensa Oficial para a Secretaria de Estado da Cultura. Desse modo, o SLMG passa a ser independente, deixando de vir encartado no *Minas Gerais*. Além disso, os exemplares ficam disponíveis por meio de cadastro no *site* da Secretaria. Para Nunes (2012, p. 24), mesmo dando continuidade ao trabalho de décadas anteriores, os melhores anos do “Suplemento” foram sua primeira fase, de 1966 a 1975, “[...] quando era comandado por figuras renomadas da literatura e despontava para o cenário nacional e internacional como um suplemento de vanguarda”.

O “Suplemento” possui 40 páginas, com tiragem de 16 mil exemplares. É uma publicação mensal da Secretaria de Estado da Cultura. O periódico é distribuído gratuitamente, em pontos como livrarias e bibliotecas, além de vir encartado no *Minas Gerais*, fator que o leva aos mais diversos municípios mineiros. Por meio de cadastros *on-line*, também chega a leitores em todo o Brasil, em versão papel.

É importante mencionarmos ainda a história e a configuração do “Caderno de Sábado”, do jornal *Correio do Povo*, de Porto Alegre. O CS iniciou suas produções em setembro de 1967. E se o SLMG consolidou a história e a cultura mineira, o CS igualmente foi e ainda é considerado um marco na trajetória do Jornalismo Cultural do sul do país. De acordo com Golin (2005), suas publicações iniciaram dez anos depois da circulação da última edição da revista *Província de São Pedro*, publicação cultural da cidade de Porto Alegre, de projeção nacional, em função do selo da editora Globo.

O CS iniciou sua trajetória no dia 30 de setembro de 1967, uma década depois do “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo* e do “Suplemento Dominical” do *Jornal do Brasil*. No entanto, a consolidação dos suplementos literários ocorreu justamente na década de 1960, quando “[...] o país vive um processo acelerado de urbanização, consolida sua indústria de bens culturais, justificando a convivência de *suplementos literários* com a publicação diária da editoria de artes e cultura” (GOLIN, 2005, p. 134). Editoras e revistas literárias possibilitam a estruturação do campo cultural, “[...] na medida em que refletem alianças



fraternas, o exercício de influências, antagonismos, rivalidades, as cisões e o encontro de gerações de intelectuais” (GOLIN, 2005, p. 134).

Figura 3 - Primeira capa do CS, dia 30 de setembro de 1967



Fonte: Cardoso (2016, p. 46).

A durabilidade que o “Caderno de Sábado” possui, aliada aos vínculos de publicações de autores com renomes nacionais, ocupa o que Cardoso (2016, p. 14) intitula de “posição dominante” que “passou à memória cultural de Porto Alegre como o principal espaço aglutinador da intelectualidade e de circulação do pensamento, no Rio Grande do Sul”. O reconhecimento atribuído a escritores segue as mesmas reflexões indicadas em relação ao SLMG, isto é, o jornal atuando como um espaço de legitimação do cânone literário. Por mais de uma década, o CS foi um *locus* de reconhecimento. Reuniu intelectuais, representando praticamente a história cultural do Rio Grande do Sul.

O “Caderno de Sábado” foi publicado até 10 de janeiro de 1981. Nessa edição, havia o anúncio, no canto direito da capa: “Excepcionalmente, hoje não circula mais o *Caderno de Sábado*”. Por mais de uma década, o CS havia formado leitores que se tornaram colecionadores e que, aos sábados, aguardavam uma leitura rica em informação cultural. A interrupção do “Caderno de Sábado” registra acontecimento lamentável na história do veículo de comunicação. O contexto de 1980 é marcado pela crise financeira na Companhia



Jornalística Caldas Júnior. Fonseca (2008), ao fazer um estudo sobre as indústrias de notícias, do capitalismo e das novas tecnologias no Jornalismo contemporâneo, identifica a Caldas Júnior como uma empresa de comunicação que, apesar do caráter originário comercial, “[...] não é conceitualmente razoável circunscrevê-la à condição de indústria cultural” (FONSECA, 2008, p. 145). É justamente nesse contexto de crise que ocorreu o término do “Caderno de Sábado”.

Após a circulação daquela sua última edição, em 1981, o “Caderno” só voltaria a ser veiculado no dia 1º de março de 2014, sob a coordenação editorial do jornalista, escritor e professor Juremir Machado da Silva, com edição do jornalista Luiz Gonzaga Lopes. Mas o espaço para as reflexões diminuiu e, atualmente, o “Caderno”, encartado aos sábados, possui apenas oito páginas; dessas, cinco aproximam-se diretamente do formato consolidado na década de 1960, com a inserção de temáticas mais reflexivas sobre o social, aliando a Literatura a temas cotidianos. As outras três páginas voltam-se para conteúdos de variedades, tais como filmes exibidos nas salas de cinema, palavras cruzadas, programação televisiva e colunas sociais.

Para melhor explicar como as alterações históricas se tornam mais intensas na sociedade e em reflexo, no campo jornalístico, Medina (1978) propõe dois tipos de divisão para o Jornalismo: o de tribuna e o noticioso. O primeiro se relaciona aos aspectos opinativos, cuja predominância, na imprensa brasileira, perdurou até a década de 1950. Já sob a referida influência estadunidense, por volta da década de 1960, a opinião se transforma em informação. Assim, o Jornalismo noticioso acaba por ser incorporado aos veículos de comunicação.

Esse Jornalismo noticioso é ainda subdividido, por Medina (1978), em três fases: a) de 1950 a 1962, quando a imprensa estadunidense se torna referência e modelo a ser seguido; b) em 1964, quando ocorrem investimentos estrangeiros nas corporações midiáticas, resultado do período autoritário por que o país passou, durante o regime militar, e, por fim, c) a partir de 1964, a terceira subfase, que se associa ao consumo de produtos culturais voltados ao lazer, como telenovelas, minisséries e a posterior entrada da internet.

Com a introdução da lógica dos *bytes*, o Jornalismo se transformou, tanto em práticas produtivas, quanto de leitura. Essas alterações ocorrem quando o fenômeno da internet surge na sociedade e delimita os espaços produtivos em torno do webjornalismo. Essa nova fase, evidenciada pelo uso das ferramentas da internet, é visualizada pela utilização de diferentes



denominações: *sociedade global e aldeia global* (MCLUHAN, 1969), *cibercultura* (LÉVY, 1999), *sociedade em rede e sociedade da informação* (CASTELLS, 2015). As expressões dos distintos autores, com abordagens também diversas, possuem, como ponto de convergência, reflexões sobre as transformações sociais provocadas pelo paradigma das mudanças tecnológicas.

Em meio a esse contexto de produção, com conteúdos que precisam ser moldados a esta *sociedade em rede*, um suplemento literário é idealizado pelo jornalista e escritor Rogério Pereira, em Curitiba-PR: o *Rascunho*. Se comparado com os outros dois, o “Suplemento Literário Minas Gerais” e o “Caderno de Sábado”, o *Rascunho* é relativamente novo. No entanto, sua concepção e formas de abordagem da Literatura equiparam-se àqueles criados em 1950/1960, devido à reflexividade em torno desse campo.

O *Rascunho* iniciou sua publicação no dia 08 de abril de 2000. Atualmente, conta com duas versões: a impressa, com 32 páginas, no formato *berliner*, isto é, possui como medidas 470 por 315 milímetros; e a digital, disponível no *site* www.rascunho.com.br, desde maio de 2008. Com periodicidade mensal sob a responsabilidade da Editora Letras & Livros, a assinatura custa R\$ 139,00 no plano anual, R\$ 15,90 mensais (com edição impressa) e R\$ 9,90 mensais (sem a edição impressa).

Figura 4 - Capas de edições de 2017 de *Rascunho*



Fonte: *Rascunho* (2017).



“O jornal de literatura do Brasil”, como se autodenomina o *Rascunho*, segue o *slogan* de “discutir Literatura em nosso país”. Essa afirmação pode ser melhor visualizada por meio de suas temáticas, já que há a inserção, nas publicações, de ensaios, resenhas, entrevistas, textos de ficção, contos, poemas, crônicas, trechos de romances e ilustrações. Os elementos caracterizados pelo *Rascunho* remetem-nos aos suplementos já mencionados, como o CS e o SLMG, em que a Literatura e o processo de reflexão frente ao social tomam os espaços temáticos.

Observando as modificações que o *Rascunho* projeta para conteúdos *on-line* e impresso, refletimos sobre o contexto de produção associado à sociedade em rede. Os materiais precisam ser moldados aos novos usuários-leitores. Nesse sentido, Knewitz e Jacks (2010) observam que as mudanças em relação às tecnologias ocorrem pela reconfiguração que há entre o espaço e o tempo.

Assim, a nova forma de fazer Jornalismo desafia e redimensiona as noções de tempo e espaço, e, ainda, a relação com o usuário-leitor. As principais transformações, além dos aspectos mais evidentes de instantaneidade, simultaneidade e interatividade, são os processos de leitura. Com todas essas mudanças, os usuários criam suas próprias estratégias para acompanhar os conteúdos. Em meio a uma rotina de multitarefas, torna-se possível ler e acessar muitos conteúdos ao mesmo tempo.

Frente a tais mudanças, os veículos foram adaptando seus formatos e publicações. O *Rascunho* ilustra como produções e distribuição dos elementos, no *site*, acompanham as transformações da rede digital e desempenham diferentes funções no processo de leitura.

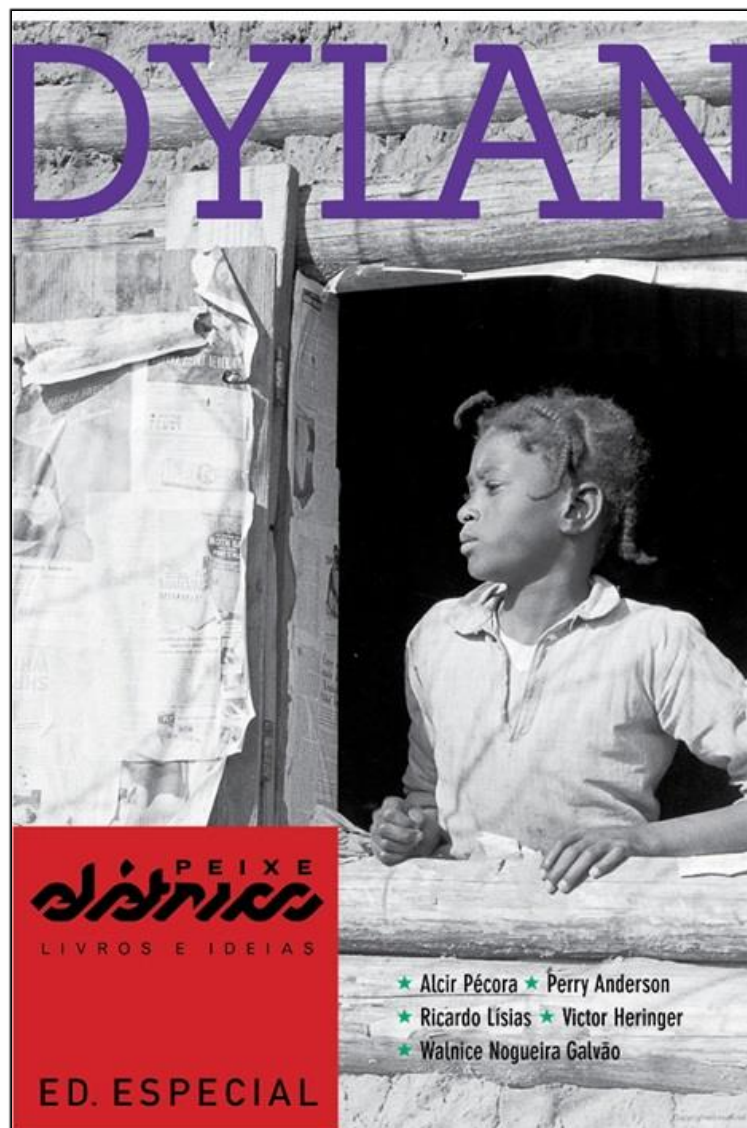
Visualizando essas alterações, parte do atual processo histórico e social, o Jornalismo Cultural vem ampliando suas produções para atender aos leitores-usuários contemporâneos. Um desses exemplos é a publicação recente de *Peixe Elétrico*, que se intitula *revista cultural*, com formato de *e-book*, produzida pela E-galáxia, uma editora especializada no segmento de livros digitais. *Peixe Elétrico*, apesar de assumir a identidade de *revista cultural*, enquadra-se nos moldes propostos pelos antigos cadernos de cultura, estampando ensaios que lidam com objetos estéticos e oferecem à Literatura um espaço de forma artística.

A primeira edição de *Peixe Elétrico* circulou em julho de 2015. O formato *e-book* alude às alterações que ocorreram no campo social e jornalístico da *sociedade em rede*. Os leitores-usuários estão se transformando e, dessa forma, a publicação atende à nova



configuração do circuito comunicacional. Com essas demandas, *Peixe Elétrico* é produzida bimestralmente, estando disponível somente no formato digital, pelo *site* www.peixe-eletrico.com. O *webreview* foi idealizado e editado por Tiago Ferro, mestre em História Social e um dos sócios da E-galáxia; Ricardo Lísias, Doutor em Crítica Literária, escritor (ganhou os prêmios Portugal Telecom de Literatura Brasileira e o de Melhor Romancista da Associação Paulista de Críticos de Arte – APCA) e ex-professor visitante na Universidade de Viena; e Mika Matsuzake, formada em Comunicação e Artes, que trabalha com *design* de livros há 15 anos. Junto com Tiago, ela é sócia da E-galáxia. *Peixe Elétrico* pode ser acessado pelos aplicativos da Amazon, Apple, Google Play, Kobo, Livraria Cultura e Saraiva.

Figura 5 - Capa da edição de março/abril de 2017 de *Peixe Elétrico*



Fonte: *Peixe Elétrico* (2017).



Apesar de contar com temáticas literárias, *Peixe Elétrico* também apresenta, aos leitores-usuários, inserções sobre música e cinema, também divulgando resenhas, tudo com o intuito de buscar o discurso contraideológico. O objetivo a que se propõe a publicação é justamente a alusão ao nome *Peixe Elétrico*, ou seja, nadar contra a corrente, gerando choques e provocando reflexões em seus públicos.

Considerando todo o percurso histórico e social, percebemos que os suplementos literários se transformaram nos cadernos de cultura e se (re)adaptaram, até chegar em publicações com formatos de livros digitais, acompanhando as evoluções tecnológicas. O Jornalismo Cultural, nesse sentido, vem se renovando e ampliando suas produções para atender aos leitores-usuários contemporâneos.

Considerações finais

Neste estudo, debruçamo-nos sobre as configurações do Jornalismo cultural, por meio de suplementos literários e cadernos de cultura. Obter um olhar sobre a história dos veículos de comunicação, para pensar o Jornalismo cultural, implica em observar as transformações que ocorreram ao longo dos anos.

Os suplementos se transformam em instrumento de leitura da Literatura, com um olhar crítico. A primeira fase, entre 1950-1960, refere-se ao que Lorenzotti (2007) define como uma aproximação mais estreita com a Literatura e as artes. O Jornalismo Cultural se constitui, dessa maneira, como uma plataforma interpretativa sobre a cultura e o pensamento de uma época. Periódicos como *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal do Brasil* foram pioneiros desse tipo de publicação. Além desses, regionalmente, o “Caderno de Sábado” (CS), do jornal *Correio do Povo*, e o “Suplemento Literário Minas Gerais” (SMLG), do periódico *Minas Gerais*, também tiveram os primeiros exemplares publicados naquele período.

Os avanços sociais e históricos foram se consolidando. Mudanças gráficas e editoriais acompanharam os veículos e contribuíram para incluir adaptações também nos suplementos literários. Da fase inicial, mais voltada à Literatura e às artes, os veículos passam, na década de 1970, a uma segunda fase, que pode ser denominada de *cadernização*, ou seja, quando os antigos suplementos literários tornam-se cadernos de cultura, com uma abrangência maior em relação às temáticas. Esse modelo consolida-se na década de 1980, quando os jornais circulam com encartes diários sobre cultura. As modificações no *design* gráfico valorizam *layouts* mais





ousados e leves, acompanhando as estratégias mercadológicas sintonizadas com a agenda televisiva. Nesse contexto, há uma diminuição no tamanho das redações dos periódicos, o que acarreta também espaços menores para o ensaio literário. Todos esses fatores contribuem para a configuração dos cadernos em torno da ótica da divulgação e do celebrismo⁷ (GOLIN; CARDOSO, 2010).

A partir da segunda metade do século XX, os periódicos se moldam à escala industrial, com o intuito da maior mecanização da produção jornalística. Com o surgimento da internet, os veículos tiveram que se adaptar, tanto em relação à ordem tecnológica, quanto estrutural. Em meio a esse contexto de produção, com conteúdos que precisam ser adequados a esta sociedade em rede (CASTELLS, 2015), citamos como exemplos *O Rascunho* e *Peixe Elétrico*. Surpreendentemente, percebemos, então, que, mesmo com as mudanças de suporte e modernização da mídia, os suplementos/cadernos de cultura continuam com os mesmos formatos, pois não sofreram quaisquer modificações para além daquelas de ordem tecnológica.

Referências

BASSO, Eliane Fátima Corti. Para entender o Jornalismo Cultural. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 9, n. 16, p. 69-72, jan./jun. 2008. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/702. Acesso em: 22 ago. 2017.

BOLLOS, Liliana. Mario de Andrade e a formação da crítica musical brasileira na imprensa. **Música Hodie**, v. 6, n. 2, p. 119-132, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1980.

CARDOSO, Everton Torres. **O Suplemento Cultural como rede de relações**: Os intelectuais no Caderno de Sábado do jornal Correio do Povo (Porto Alegre, 1967-1981). 2016. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/143638/000997513.pdf?sequence=1>. Acesso em: 27 mar. 2021.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

COMEÇO. **Peixe Elétrico**. Ed. 2015. Disponível em: <https://www.peixe-eletrico.com/comeo>. Acesso em: 20 fev. 2022.

⁷ As páginas dos veículos tornam-se espaços com conteúdos relacionados a variedades, como horóscopos, palavras cruzadas, quadrinhos, notícias de celebridades, dentre outros, diminuindo ou, muitas vezes, nem existindo, reportagens e textos críticos para promover a reflexão.





EXCEPCIONALMENTE, hoje não circula mais o Caderno de Sábado. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 1, 10 jan. 1981.

FARO, José Salvador. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 27, n. 45, p. 143-163, 2006. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/3871/3384>. Acesso em: 15 jun. 2015

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira. **Indústria de notícias: capitalismo e novas tecnologias no jornalismo contemporâneo**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 21-39, jul. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 maio 2017.

GOLIN, Cida. Histórias do Jornalismo Cultural: O primeiro ano do Caderno de Sábado. **Estudos em jornalismo e mídia**, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 133-142, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2148>. Acesso em: 10 maio 2017.

GOLIN, Cida; CARDOSO, Everton Torres. Jornalismo e a representação do sistema de produção cultural: mediação e visibilidade. In: BOLAÑO, César; GOLIN, Cida; BRITTOS, Valério (org.). **Economia da arte e da cultura**. São Paulo: Itaú Cultural; São Leopoldo: Cepos/Unisinos; Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS; São Cristóvão: Obscom/UFS, 2010. p. 184-203.

HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1990**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

KNEWITZ, Anna Paula; JACKS, Nilda. O jornalismo dos novos tempos e os novos tempos do jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 390-402, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/download/1984-6924.2010v7n2p390/14468/49054>. Acesso em: 31 ago. 2017.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Marcelo. **Jornalismo Cultural e crítica: a literatura brasileira no Suplemento Mais!** Curitiba: Editora UFPR; Chapecó: ARGOS, 2013.

LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário, que falta ele faz! 1956 – 1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

MCLUHAN, Marshall. **O meio é a mensagem**. Rio de Janeiro: Record, 1969.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade-urbana e**





industrial. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

NESTROVSKI, Arthur. **Notas musicais**: do barroco ao jazz. São Paulo: Publifolha, 2000.

NUNES, Eliana Mirian Ferreira. **Geração Suplemento**: memória e representação cultural. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/2855/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O_Gera%c3%a7%c3%a3oSuplementoMem%c3%b3ria.PDF. Acesso em: 27 mar. 2021.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2014.

RASCUNHO. Edições impressas. Curitiba, 2017. Disponível em: <https://rascunho.com.br/edicoes-impressas/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

SOARES, Marcus Vinicius Nogueira. **A crônica brasileira do século XIX**: uma breve história. É Realizações Editora: São Paulo, 2014.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**: jornalistas e escritores em Minas Gerais (1920-1970). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Submetido em: 29.03.2021

Aprovado em: 16.05.2022

